

Perspectiva *Queer* e Design Inclusivo: suporte à diversidade e inclusão

Guilherme Cardoso Contini, Fernanda Henriques e Cassia Leticia Carrara Domiciano (*)

Actas de Diseño (2026, abril),
Vol. 53, pp. 68-72. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2022
Fecha de aceptación: junio 2025
Versión final: abril 2026

Resumo: Este artigo discorre sobre a aproximação do Design Inclusivo e dos estudos queer, apresentando uma proposta de suporte à diversidade e inclusão através de um espaço para prática projetual. São consideradas as perspectivas transdisciplinares do campo do design, onde as discussões de gênero e sexualidade encontram espaço e protagonismo. O estudo das aplicações entre as áreas traz destaque à importância da participação efetiva dos usuários de informações, produtos e serviços ao projeto em design, valorizando abordagens inclusivas e participativas. Fica clara a importância das temáticas abordadas quando ao final são colocadas à luz dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU).

Palavras-Chave: Design inclusivo – Estudos Queer – Transdisciplinaridade.

[Resúmenes en inglés y español en la página 72]

Introdução

Quando se tem por premissa a necessidade de uma sociedade mais equânime, é possível dissertar sobre as possibilidades em design a partir do viés da inclusão, pensando na diversidade humana como base indispensável para projetos. Aliás, adotar um pensamento inclusivo é necessário em diversas áreas existentes, reiterando a importância dos saberes plurais e acessíveis. Desde 2017, Denise Portinari já considerava que o Design precisava ser “*queerizado*”, visto que a ausência de estruturação teórica consolidando a interface entre o Design e os estudos de gênero e sexualidade ainda era uma grande realidade naquele ano. Portanto, este artigo parte do pressuposto de que é indispensável ao Design a problematização da (re)produção e da materialização das “estratégias da normatividade, através da análise crítica [...], para a produção de perspectivas e práticas contra-normativas” (Portinari, 2017, p.2).

A fim de possibilitar o desdobramento estratégico do artigo, é necessário analisar alguns temas como: o Design *Queer*, os estudos de gênero e sexualidade, o Design Inclusivo, a metodologia transdisciplinar e a aderência aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Voltando à análise introdutória, a prática do olhar para a inclusão e a da aproximação com a interdisciplinaridade tornaram-se frequentes ao se projetar no Design. A origem dessa preocupação se deu há algum tempo, considerando o que Victor Papanek publicou na obra intitulada *Design para o Mundo Real* (Papanek, 1971, tradução nossa). O texto, hoje considerado uma das mais importantes obras para os estudos da relação entre o design e as demandas sociais, trata da “volatilidade” contemporânea da área e direciona o designer para olhar o mundo à sua volta: o mundo real fora dos escritórios e agências onde existiam desigualdades raciais, conflitos políticos e problemas sociais diversos.

Anos depois, isso foi analisado por Rafael Cardoso no contexto do “mundo complexo” que envolve os projetistas. Cardoso conceitua essa “complexidade” do mundo: “[...] entende-se aqui um sistema composto de muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo” (Cardoso, 2013, p.25). O mundo externo também descrito por Papanek quase cinquenta anos atrás pode ser diretamente comparado com o mundo contemporâneo visualizado por Cardoso mais recentemente, em que são vistos inúmeros problemas semelhantes, incluindo nessa lista as desigualdades em sua totalidade e as problemáticas de gênero e sexualidade. Sobre o cenário de desafios, Cardoso considera que os paradigmas já estabelecidos tradicionalmente pelo design ao longo do século XX não são mais suficientes para resolver problemas projetuais num mundo contemporâneo.

Como constatado por Cardoso, identifica-se a primeira oportunidade de trazer respostas aos diversos questionamentos dos designers sobre a localização de projetos do Design que sejam inclusivos e preocupados com os estudos de gênero e sexualidade.

Os dois pilares que sustentam este artigo são baseados em correlações de caráter transdisciplinar. São eles: as questões de gênero e sexualidade (apresentadas aqui como estudos *queer*) e o Design Inclusivo enquanto uma abordagem projetual. Uma das perguntas a se fazer é: por que relacionar esses dois eixos, trabalhando potencialmente a importância de ambos de forma igualitária? A começar pelo Design Inclusivo, é perceptível que a atividade desenvolvida neste campo passa a ter um grande potencial de transformação social, aliada à inovação e às tecnologias. Quando se coloca em pauta a inclusão e as políticas de acessibilidade, encontra-se um foco de estudo relativamente recente no Design que aborda as conexões das problemáticas

de gênero e sexualidade com o universo projetual em qualquer uma de suas fases (seja no início, seja no meio ou no final de um projeto de Design).

No campo dos estudos *queer*, Denise Portinari (2017) reitera nesses últimos anos que é necessário sensibilizar o campo do Design para aspectos das subjetividades, das questões estéticas, políticas e culturais, sem transformar a estrutura radicalmente. Portinari propõe uma “[...] abertura e a potencialização de questionamentos, brechas, linhas de fuga e contaminações” (Portinari, 2017, p.3) que promovam práticas mais fluidas e eliminem fronteiras disciplinares.

Potencial transdisciplinar do Design Inclusivo

Entendendo-se o Design inclusivo como uma abordagem projetual potencialmente transdisciplinar, é possível balizar essas relações revisitando terminologias e conceitos de cada uma das áreas. Partindo do Design Inclusivo, tem-se uma definição trivial para o desenvolvimento na área. Para Fernanda Henriques e Cássia Domiciano (2015):

O design de produtos e/ou serviços do cotidiano devem ser acessíveis e utilizáveis por um número razoavelmente possível de pessoas de uma base global, e em uma ampla variedade de situações sem que [...] haja a necessidade de adaptações especiais [...]. (Henriques; Domiciano, 2015, p.3)

Constata-se, portanto, que o Design de informações, Serviços e/ou Produtos deve ser para todos e todas, sendo, de certa forma, universal, possibilitando aos designers apoio de profissionais de outras áreas, o que contempla a prática transdisciplinar.

Nas análises de Cátia Silva (2011) sobre as considerações de Edward Steinfeld (2004):

O design inclusivo tem como objetivo encontrar soluções que não atendam apenas a indivíduos portadores de deficiência permanente, mas que beneficiem o maior número possível de utilizadores independentemente das suas características. Os produtos e ambientes concebidos neste âmbito, ao abranger mais população alargam o público-alvo, sem esquecer as limitações existentes. (Silva, 2011, p.13)

Percebe-se que “todos os cidadãos se tornam público-alvo de projetos inclusivos” (Silva, 2011, p.14) e devem ser lembrados pelos designers no processo criativo, técnico e colaborativo de um projeto, tornando-os parte do processo.

No Design inclusivo, os projetos (de produtos, ambientes e serviços) são desenvolvidos com a participação do usuário no processo, a fim de reconhecer dificuldades ou condições atípicas dos usuários para desenvolver algo efetivo e pautado pela inclusão. Sendo assim, o usuário é pertencente também ao processo e coautor do produto inclusivo.

Os termos Design Inclusivo e Design Universal são muitas vezes tratados como sinônimos, mas há detalhes

que diferem essas abordagens. Pela definição de Symone Jardim:

O projeto universal preocupa-se em dotar o produto ou o ambiente com as características que facilitem o seu uso pela maioria das pessoas, incluindo certas minorias, como os canhotos, idosos e portadores de deficiências físicas [...]; Ele parte do princípio de que é mais barato desenvolver esse tipo de produto, desde o início, do que produzir aparatos especiais para as minorias”. (Jardim, 2002, apud Iida, 2005, p. 318)

Porém Itiro Iida (2005) adverte que o projeto universal foca em fazer ambiente ou produto acessível à maioria da população, sem necessariamente ultrapassar a barreira da execução do mesmo. Ou seja, pode ficar simplesmente no campo conceitual.

Assim, se a prática do Design, por ser cultural, pode ser aplicada por todos, o Design Universal é uma abordagem dos designers focada em “[...] gerar um produto ou serviço que possa ser acessado por qualquer pessoa, independente de sua condição física, social ou cultural” (Cilli, 2017), mas em que não se vê na obrigação da inserção do usuário no processo de projeto.

Esse é o grande ponto de diferenciação com o Design Inclusivo, onde essa participação é inerente ao ato de projetar, ou seja, o usuário – seja ele um utilizador de serviços, um consumidor, um paciente, um leitor, etc. - devem envolver-se em uma ou mais etapas da criação e validação do projeto.

Para que isso se concretize, as diretrizes e os estudos aplicados são necessários como validação da melhor forma de inserção de diversos públicos e usuários na abrangência dos projetos inclusivos.

Ainda comparando o uso dos termos Design Universal e Inclusivo, há uma diferença destacada por Fernanda Maia:

Tem-se que o Design Inclusivo se preocupa em incluir indivíduos que não são contemplados normalmente em projetos de Design, como pessoas de baixa renda, idosos e pessoas com deficiência. Dessa forma, este princípio se diferencia do Design Universal, por ter o objetivo de envolver o maior número possível de indivíduos, porém sabendo que atingir todos é uma tarefa difícil ao se pensar em um único produto. (Maia, 2009, apud Lanutti; Paschoarelli, 2016, p. 2762-2763)

Essas definições esclarecem o foco do artigo no Design Inclusivo e reforçam a necessidade de estudar as aplicações possíveis entre o Design pautado na inclusão e os estudos *queer*. *A convergência de conhecimentos propicia trabalhar transdisciplinarmente com projetos cujo enfoque são inclusão, acessibilidade e diversidade*. Entender o conceito de transdisciplinaridade aqui empregado é outro ponto importante. Segundo Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade é “[...] uma teia complexa cujos fios se entrelaçam e se conectam”. A organização em forma de rede faz com que essa relação seja efetiva e possibilite uma certa quantidade de resultados e articulações.

Nesse sentido, existe uma abordagem que possibilita a transgressão e a associação disciplinar para a construção de novas análises sobre conhecimentos já existentes.

A projeção transdisciplinar do designer é descrita por alguns autores que tratam do potencial do Design enquanto transversal, à medida que os processos de um projeto ou pesquisa necessitem de contribuições de especialistas em diversas disciplinas. A transdisciplinaridade tende a buscar rupturas e “[...] trata-se frequentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe” (Morin, 2003, apud Cilli, 2017, p. 31).

A análise do que é a transdisciplinaridade possibilita, para o âmbito do Design Inclusivo, identificar o potencial do projeto colaborativo com foco na inclusão e no desenvolvimento de produtos plurais e acessíveis.

Complexidades contemporâneas, Design e estudos *queer*

A atitude transdisciplinar do designer que se faz necessária ao projetar reflete as mudanças da atualidade que impactam diretamente na forma, na função, na utilidade e na estética. Neste sentido, “[...] a crescente complexidade do cenário atual obriga o projetista a repensar velhos conceitos e a buscar novas respostas – ou, pelo menos, a reformular as perguntas de modo mais preciso e eficaz” (Cardoso, 2013, p. 219).

Em seu livro *Design para um Mundo Complexo*, Rafael Cardoso (2013) colabora para o argumento da complexidade vivida mundialmente, na perspectiva do Design, a partir dos anos 2000. O cenário de globalização e da unificação do sistema fabril e de consumo não pode ser reduzido a uma definição simples, pois cerca um tema complexo e cheio de novas estruturas. Para ele, “[...] boa parte da história do Design passa pela configuração de redes, crescentemente complexas”.

A potencialização no modo de se fazer o projeto influencia, também, na aproximação com áreas mais distantes, a fim de valorizar a conexão de novos saberes destacados pelas complexidades contemporâneas (movimentações projetuais com profundidade teórica e estrutural).

Pode-se observar a correlação entre o potencial transdisciplinar do Design Inclusivo e os estudos *queer* a seguir. Começando pelo conceito da terminologia proposta por Denise Portinari, a “Queerização do Design”, tem-se:

Queerizar o design seria, portanto, sensibilizar o campo para os aspectos e os efeitos políticos, éticos, estéticos e subjetivos do design na contemporaneidade, abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço comum. Queerizar é ainda problematizar e transviar a participação do design na (re)produção e materialização das estratégias da normatividade [...]. (Portinari, 2017, p.3)

Por meio desta nova abordagem, percebe-se constatações essenciais para a base de uma pesquisa de interface

Design Inclusivo e estudos *queer*, que tem como pretensão o alcance transdisciplinar. A aproximação do *Queer* com o Design não tem o viés de transformar o campo em algo totalizante e imutável, o que vai, inclusive, contra os preceitos da Teoria *Queer*.

Assim, o designer pode desenvolver um olhar antropológico necessário, independentemente do projeto executado ou do objeto de pesquisa, atuando sob a perspectiva de gênero e sexualidade, com as respectivas ressignificações.

Estas ressignificações tornam efetivas as aproximações de um “olhar antropológico”. Além do olhar, o “pensar antropológico” resulta em inúmeros questionamentos sobre a própria realidade, a “antropologia do cotidiano” (Rodrigues, 2005, p.1) e o Design centrado no ser humano, no corpo, nos objetos. O designer torna-se, portanto, colaborador do futuro social em vez de somente cidadão, torna-se um “agente construtor cultural” (Rodrigues, 2005, p.3).

Quando ocorre uma aproximação destes conceitos é indispensável analisar atentamente o livro *Manifesto Contrassexual*, de Paul Preciado, e observar o ponto estratégico da conduta do designer que se aproxima da antropologia: a relação dos objetos com um corpo que é político, que é um espaço que carrega consigo potencial de resistência diante da opressão, um “local” biopolítico (Bourcier, 2014, p.13).

O Design pode identificar as questões de gênero e sexualidade como um campo ilimitado e transversal. A fim de validar ainda mais as pesquisas no campo projetual, é de extrema necessidade o real entendimento do que é gênero e as questões que o permeiam.

Um olhar desnaturalizado para projetos é resultado do diálogo, do debate e do pleno entendimento da profundidade alcançada pelas sistematizações de gênero que vêm sendo debatidas ao longo dos anos, alavancado depois da década de 1980. Muitos autores contemporâneos enriquecem os diálogos sobre as questões de gênero por meio de textos, reportagens, livros e artigos que escrevem ao desmitificar questões como, por exemplo, substantivos que são usados erroneamente em alguns momentos, tanto em contexto projetual quanto prático do que eles estão analisando.

Os aportes teóricos podem ser constantemente revisitados pelos designers a fim de refletir sobre os estudos *queer* e o Design Inclusivo nas aplicações que serão vislumbradas e analisadas a partir da análise de ferramentas para o suporte à diversidade e inclusão.

Potencial de aplicação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Design

Essa análise só é possível devido à aderência direta aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que fazem parte da Agenda de 2030 da ONU e que são constantemente mencionados pelos órgãos de fomento como bases necessárias a qualquer projeto de pesquisa da atualidade.

Algumas ODS estão diretamente relacionada com os aspectos deste artigo:

- **ODS4 – Educação de Qualidade:** esta ODS pretende assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem.
- Algumas ferramentas buscam exatamente promover o acesso à informação de qualidade diretamente da esfera da graduação, pós-graduação e do mercado de trabalho, proporcionando aos jovens, adultos e profissionais do mercado um conhecimento básico (e posteriormente avançado) na aproximação entre os estudos *queer* e os estudos do Design (Inclusivo, Participativo, Social) que possibilite o desenvolvimento de projetos na área (Metas 4.4, 4.5 e 4.7).
- **ODS 5 – Igualdade de Gênero:** esta ODS pretende alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
- Em relação aos projetos gerados e públicos atingidos por algumas ferramentas, uma das grandes preocupações é capacitar pessoas e empresas para as temáticas *queer* relacionadas ao gênero e à sexualidade, juntamente com temáticas de diversidade e inclusão por meio do uso direto ou indireto do Design. As mulheres colaboradoras são, e devem ser ainda mais, maioria com propriedade e lugar de fala garantido. Dessa forma, luta-se contra a discriminação, contra a violência e valoriza-se um projeto feito com e por mulheres (Metas 5.1, 5.2, 5.5, 5.a);
- **ODS 9 – Indústria, Inovação e Infraestrutura:** ODS que busca a construção de infraestruturas resilientes que promovam a industrialização sustentável e inclusiva e que fomente a inovação.
- As análises iniciadas neste artigo têm a pretensão de promover a inovação nas áreas do conhecimento que tracem ligações transdisciplinares como as questões de gênero, sexualidade e Design Inclusivo através de ferramentas, projetos e práticas desenvolvidas, que promovam infraestruturas de qualidade no ambiente corporativo. (Metas 9.1 e 9.2);

Conclusão

A partir da revisão bibliográfica proposta neste artigo e da análise do cenário de aproximação entre o Design (em específico o Design Inclusivo) e o campo dos estudos *Queer* (estudos sobre gênero e sexualidade), foi possível perceber o quanto é vasto o potencial transdisciplinar de atuação do Design Inclusivo. Com base nessa observação, foi constatado também que o avanço dos estudos *Queer* a partir dos campos de pesquisa do Design trazem à tona complexidades contemporâneas que dificultam o acesso e o desenvolvimento “natural” de pesquisas nessa interface. Como exemplificado anteriormente, algumas ferramentas se fazem necessárias para aumentar o alcance dessa interface. Entre elas, as que conectam design com diversidade e inclusão e que estão diretamente conectadas com problemáticas e complexidades universais.

Referências Bibliográficas

- Bourcier, M. H. (2014) Prefácio. Preciado, P. B. *Manifesto contrasexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Editora N-1 edições.
- Camargo, L. S. A.; Fazano, A. J. (2014) *Explorando o Design Participativo como prática de desenvolvimento de sistemas de informação*. Silvia, M. R. (Org.). *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*. 5 (1), 138-150.
- Cardoso, R. (2013) *Design para um mundo complexo*. (1a ed.) Cosac Naify.
- Cilli, T. L. B. (2017) *O design como saber transversal na formação profissional e tecnológica*. Dissertação de Mestrado – Centro de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo.
- Cilli, T. L. B. (2017) *O Design Universal como ferramenta de inclusão educacional*. Giordano, C. V.; Langhi, C.; Cilli, T. L. B. (Org.). *A tecnologia da informação e comunicação nas práticas educacionais*. Edição Independente.
- Henriques, F.; Domiciano, C. L. C. (2015) *Design gráfico e fonoaudiologia: uma proposta de articulação interuniversitária e transdisciplinar voltada para ações de design gráfico inclusivo*. *Projética: Revista Científica de Design*. 6 (2), 09-25. Recuperado de: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/23293>.
- Iida, I. (2005) *Ergonomia: projeto e produção*. Edgard Blücher.
- Jardim, S. R. (2002) *Avaliação do conforto do ônibus urbano: estudo de caso Distrito Federal*.
- Lago, L.; Batista, M. A. P.; Domiciano, C. L. C. (2019) *Processos projetuais em design gráfico e editorial: um estudo de caso da Revista Galileu*. *Revista Projética*. 10 (3), 09-26.
- Lanutti, J. N. L.; Paschoarelli, L. C. (2016) *Design universal aplicado a material didático para crianças com deficiência visual: uma experiência didática*. *Anais do 12º P&D 2016 – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. 9 (2). Recuperado de: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-universal-aplicado-a-material-didatico-para-criancas-com-deficincia-visual-uma-experincia-didtica-24472>.
- Louro, G. L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes. Recuperado de: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/e-books/seciao-1-10-32-de-de-finibus-bonorum-et-malorum-escrita-por-cicero-em-45-ac>.
- Maia, F.; Freitas, S. (2009) *Tecnologia assistiva e design: conceitos e aplicações*. *Congresso Internacional de Pesquisa em Design*, 5. *Anais do 5º CIPED*.
- Nicolescu, B. (1999) *O manifesto da transdisciplinaridade*. TRIOM.
- Papanek, V. (2006) *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change*. (2ª ed.) Thames & Hudson.
- Portinari, D. (2017) *Queerizar o Design*. *Revista Arcos Design*. 10. Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30937>.
- Preciado, B. (2014) *Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Editora N-1 edições.
- Rodrigues, I.G. (2005) *Antropologia e Design: o olhar antropológico do designer*. Recuperado de: <https://pdfcoffee.com/o-olhar-antropologico-do-designer1-pdf-free.html>.
- Silva, A. F. (2017) *Design Inclusivo: o livro infantil como incentivo para o desenvolvimento do aprendizado da criança autista*. *Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Ceará*.
- Steinfeld, E. (2012) *What Is Universal Design?* Recuperado de: <http://idea.ap.buffalo.edu/about/universal-design/>.

Abstract: This article explores the intersection of Inclusive Design and queer studies, presenting a proposal to support diversity and inclusion through a space for design practice. It considers the transdisciplinary perspectives within the field of design, where discussions of gender and sexuality find a place and take center stage. The study of applications across these fields highlights the importance of the effective participation of users of information, products, and services in the design process, valuing inclusive and participatory approaches. The significance of the topics addressed becomes clear when they are ultimately viewed in light of the United Nations Sustainable Development Goals.

Keywords: Inclusive design – Queer studies – Transdisciplinarity.

Abstract: This article explores the intersection of Inclusive Design and queer studies, presenting a proposal to support diversity and inclusion through a space for design practice. It considers the transdisciplinary perspectives within the field of design, where discussions of gender and sexuality find a place and take center stage. The study of applications across these fields highlights the importance of the effective participation of users of information, products, and services in the design process, valuing inclusive and participatory

approaches. The significance of the topics addressed becomes clear when they are ultimately viewed in light of the United Nations Sustainable Development Goals.

Keywords: Inclusive design – Queer studies – Transdisciplinarity.

(*) Guilherme Cardoso Contini: Doutorando em Design (PPGDES), Mestre em Mídia e Tecnologia (PPGMIT) e Graduado em Design com Habilitação em Design Gráfico, todos pela FAAC – UNESP em Bauru-SP, no Brasil. Atualmente atua como professor bolsista na mesma instituição e é coordenador do projeto de extensão voluntária “Erótica LAB”. E-mail: guilherme.contini@unesp.br. • **Fernanda Henriques:** Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-RJ e Diretora da FAAC-UNESP; Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). E-mail: fernanda.henriques@unesp.br. • **Cassia Leticia Carrara Domiciano:** Livre Docente em Design Gráfico e Editorial pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e Doutora em Estudos da Criança - Comunicação Visual e Expressão Plástica Universidade do Minho, Portugal. E-mail: cassia.carrara@unesp.br.